RETRATOS CANTADOS DA VIOLÊNCIA

O grupo de rap Câmbio Negro, filho de Ceilândia, reclama que não é convidado para a festa

A VOLTA
(Câmbio Negro)

Sou negão careca da Ceilândia
mermo e daí?
Não botaram fé, eu tô de volta, tô aqui
Mostrando meu trabalho, minha capacidade de criar,
Sou o presente de grego de quem tentou me parar.
Muitos tentaram me parar,
fecharam várias portas,
Me julgaram incompetente, um perfeito idiota.
Idiota jamais, incompetente ao contrário,
Já não caio mais no conto do vigário

●●●

Um rapper tem a missão de transmitir a informação,
Diversão em quase todo lugar,
"Eu sou assim mesmo, e ninguém pode me parar".
Por muitas vezes fui enganado, ludibriado,
Por essa corja de patifes de armas em riste.

●●●

Tenho minha rapaziada, tenho os meus chegados,
Em várias cidades, muitos estados,
Somos unidos mesmo estando separados,
Cuidado: nesse exato momento você está sendo observado.
Não adianta boicotar meu som na sua rádio, no seu baile,
queimar meu filme nos jornais, revistas, na TV,
*Você vai se f**** porque lá na Cei vai continuar rolando.*

●●●

Existe e lei do retorno, dos castigos de Deus.
Eu pago pelos meus atos, e você, pelos seus.
Os meus pecados são grandes, os seus, infinitos,
Tenho certeza e acredito
Que você vai morrer bem antes que eu.

Ricardo Mendes
Da equipe do **Correio**

Mila Petrillo 15.6.97

Os meninos do Câmbio Negro (X, o líder, ao centro, de boné) cantam uma cidade sem maquiagem, com as agruras de um cotidiano bruto e inclemente

A caixa d'água em formato de cone invertido, principal marco arquitetônico de Ceilândia, pode ser vista também na Internet. Ela é usada como emblema na página de divulgação do grupo de rap Câmbio Negro, o mais conhecido do Distrito Federal e um dos mais populares do Brasil. Em suas músicas, o conjunto leva a todo o país o lado sombrio da cidade na esperança de despertar consciências e ajudar a construir um futuro melhor.

"Sempre falei de Ceilândia nos discos, mostro problemas como a polícia ruim, a violência, a prostituição, as drogas, mas é importante sentir orgulho de ser da cidade porque a maioria do povo é gente trabalhadora, que batalha e tem dignidade", conta X (pronuncia-se eks, como em inglês), vocalista e compositor do Câmbio Negro.

Perto de completar oito anos de existência, o conjunto exibe na Internet o seu currículo. Lançou dois CDs, fez dezenas de shows, compôs o tema de uma campanha nacional contra as drogas exibida pela tevê em todo o Brasil e concorreu, por dois anos seguidos (1996 e 1997), ao prêmio de melhor clip de rap no MTV Music Awards — premiação do canal por assinatura especializado em música pop.

Respeitado no circuito musical, X gravou participações em discos dos também brasilienses Raimundos e dos paulistanos Inocentes. Aos sábados, na rádio Cultura FM, ele produz e apresenta — ao lado do DJ Tydoz — o *Cultura Hip Hop* (Hip Hop é o nome dado à derivação do funk que serve de base para os vocais falados, o rap). Nesse programa, que vai ao ar das 18h às 19h, divulga outros conjuntos do Distrito Federal, cujas músicas são tratadas em pé de igualdade com as de artistas de outras partes do país e do mundo.

Foi por meio desse programa que X teve uma experiência gratificante que o convenceu de que há pessoas aderindo à paz ao ouvir seus retratos cantados da brutalidade. Pelo rádio, o cantor divulgou uma das músicas mais recentes, chamada "Meu Irmão". A letra é uma conversa franca de um jovem com outro que caiu na criminalidade e acabou preso. "Estude, se instrua/Prepare aos poucos seu regresso à rua", aconselha. O recado foi entendido por um presidiário que escreve a X (que não revela a identidade do fã). "Essa pessoa disse que se identificou com a história", diz X. "Hoje, ele trabalha na biblioteca da Papuda e formou um grupo de leitura com outros presos."

Há quem ache que cantar a violência da forma rude adotada pelos rappers só aumente o problema, mas o compositor discorda. "É essa a mensagem que temos de passar, mas o rap tem de ser agressivo porque reflete o dia-a-dia, que é violento", argumenta. Ele faz questão de dizer que os crimes não são a única coisa que brutaliza moradores das regiões mais pobres. "Já vi gente sair no tapa com os urubus no lixão para pegar comida."

O cantor do Câmbio Negro — que é integrado ainda pelos músicos Bell, Marcelinho, Ritchie e Daniel — critica a Administração Regional de Ceilândia por "nunca" o ter convidado para tocar em festas de aniversário da cidade. X lamenta a falta de opções de lazer para a juventude. "Já tivemos cinemas, mas hoje os locais onde antes passavam filmes viraram templos da Igreja Universal do Reino de Deus", observa. "A única opção para se divertir são os barzinhos, e, aí, as coisas ruins acontecem."

Aos 29 anos, X orgulha-se de ter crescido na cidade. Filho de cozinheira, teve uma infância difícil em meio à poeira. "No início, a água vinha de caminhão-pipa, que só chegava duas vezes por semana", lembra. "Às vezes, ele não chegava, e eu ia empurrando o carrinho de mão até a caixa d'água para encher os latões." Hoje, exibe a imagem da mesma caixa d'água aos fãs de qualquer cidade, pela Internet.

SERVIÇO

Endereço do Câmbio Negro na Internet: http://200.239.60.6/osw/cambio.htm